



**INSTITUTO
FEDERAL**
Piauí

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS COCAL
CURSO EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

DOMINGOS JOAQUIM DE SIQUEIRA NETO

O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

COCAL
2023

DOMINGOS JOAQUIM DE SIQUEIRA NETO

O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Cocal.

Orientador(a): Prof. Dra. Nádia Mendes dos Santos

COCAL

2023

O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Domingos Joaquim de Siqueira Neto¹

Dra. Nádia Mendes dos Santos²

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma proposta de pesquisa que visa a descrever, analisar e discutir fatores que envolvem a real situação da educação especial e inclusiva no meio escolar. Acredita-se que muitas normas e métodos ainda são desconhecidos pelos profissionais atuantes de educação ou que, por vários outros motivos, não são aplicados como deveriam e que isso acarretaria numa integração de alunos, mas que não são de fato incluídos. Assim serão pesquisadas formas de entender melhor a realidade utilizando para análise uma parte da bibliografia disponível abordando alguns aspectos comuns pelos quais passam os alunos com deficiência no Brasil. Levou-se em consideração o ambiente, a estrutura, os conhecimentos, as habilidades e as atitudes da comunidade escolar na atuação com os alunos que necessitam de inclusão lembrando o quanto é importante para que o ele seja sujeito ativo da sua cidadania. Assim, saindo de uma perspectiva teórica abordando conceitos como acessibilidade e o papel do professor na vida do aluno deficiente, será levada em conta o que a bibliografia já conseguiu retratar da realidade, ou seja, a prática.

Palavras-chave: educação; inclusão; escola.

ABSTRACT

This work is the result of a research proposal that aims to describe, analyze and discuss factors that involve the real situation of special and inclusive education in the school environment. It is believed that many standards and methods are still unknown to education professionals or that, for various other reasons, they are not applied as they should and that this would result in the integration of students, but who are not in fact included. Thus, ways of better understanding reality will be researched using for analysis a part of the available bibliography addressing some common aspects that students with disabilities in Brazil go through. The environment, structure, knowledge, skills and attitudes of the school community were taken into account when working with students who need inclusion, remembering how important it is for them to be active subjects of their citizenship. Thus, leaving a theoretical perspective approaching concepts such as accessibility and the role of the teacher in the life of disabled students, what the bibliography has already managed to portray in reality, that is, practice, will be taken into account.

Keywords: education; inclusion; school.

¹ Licenciado em Matemática (IFPI). domingosnetoo8@gmail.com

² Dra. nadia.mendes@ifpi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

No mundo atual, as pessoas apresentam as mais variadas necessidades e precisam de meios que as possibilitem viver em igualdade com os outros e exercer sua cidadania. Na escola não é diferente. Se mesmo alunos não deficientes para percorrerem de maneira mais facilitada e eficiente um sistema educacional sistematizado e progressivo podem se encontrar necessitados de meios que mitiguem suas dificuldades de aprendizagem em vários momentos, mais ainda para àqueles que têm necessidades mais explícitas. Ainda assim, a inclusão ainda é tratada com alguma indiferença inclusive no meio educacional em que seu progresso ainda é lento.

Inicialmente, essa é uma realidade cada vez mais presente em vários âmbitos da sociedade. Na escola, o processo de ensino-aprendizagem do público que demanda um atendimento especializado precisa ser auxiliado para fazer um uso eficaz dos recursos e métodos de aprendizagem. As novas tecnologias são exemplo do progresso cada vez mais evidente do papel democrático e facilitador na vida das pessoas com alguma deficiência (LIGA, 2019) e isso inclui o acesso presencial a uma escola com rampas adequadas, um atendimento especializado com legendas para surdos ou um programa ou dispositivo que faz a leitura de uma tela digital para um deficiente visual.

Assim, as pessoas com deficiência dão novo e evidente papel às novas práticas pedagógicas, das tecnologias da informação e comunicação (TIC) (SEABRA JUNIOR, 2018), novas leis e direitos, para que elas possam interagir melhor entre si e com a comunidade ao seu redor e, portanto, explorarem sua autonomia e exercerem seu papel na sociedade. Entretanto, é necessário investigar se a inclusão das pessoas com deficiência (PcD) está de fato acontecendo no meio educacional, pois isso está ligado também ao seu futuro. Exemplo disso é a pouca participação das PcD no mercado de trabalho em relação a quem não tem deficiência (IBGE, 2022).

Diante disso, as instituições de ensino, os profissionais da educação e o poder público devem estar cientes para apostarem cada vez mais em meios tangíveis e intangíveis de incluir o público com necessidades especiais que, além de beneficiar aqueles com limitações mais explícitas, também favorecem alunos comuns que pelos mais variados motivos têm alguma dificuldade de aprendizagem ou de outra habilidade humana. Outro agente importante é a própria família, que deve se empenhar em cobrar e incentivar propostas que permitam um bom desenvolvimento

das crianças e jovens com necessidades especiais diversas.

Cada vez mais, alunos são integrados à rede comum de educação, por isso é necessário haver uma contínua adaptação inclusiva que envolve não apenas o processo de ensino-aprendizagem, mas também, a socialização, o ambiente e as diversas pessoas envolvidas no seu futuro. Abrange, além do próprio aluno, os pais ou responsáveis, os professores e toda equipe que age e interage no contexto escolar: demais alunos, o vigia, o diretor. Todos os que prestam algum auxílio direta e indiretamente. No mais, há também as condições e recursos que são necessários para serem trabalhados com esses alunos.

Finalmente, tem-se como importante neste trabalho a maior interação entre profissionais da educação e a bibliografia já discutida, pois é essencial que o professor esteja munido com conhecimentos prévios somados à sua formação para sua atuação. Além disso, a organização do tema e do conteúdo devem ser disponibilizados para dar base e aprimorar novos projetos ligados à inclusão.

Assim, para que essas ações sejam feitas é necessário pesquisar, investigar e analisar os diversos cenários que envolvem os estudantes com deficiência e a seu pleno desenvolvimento, exercício da cidadania e o trabalho (BRASIL, 1988).

2 REFENCIAL TEÓRICO

A base teórica foi dividida em dois tópicos em que a educação inclusiva se apresenta na sua concepção e outra nas suas práxis.

2.1 A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA TEORIA

Segundo a Lei nº 13.146/15, a pessoa com deficiência é aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental ou sensorial (BRASIL, 2015). Esse conceito é feito com bases sociais e não mais é fundamentada em análises puramente clínicas como era feito tempos atrás: “O enfoque da proposta inclusiva é sociológico e relacional” (GODÓI, 2006, p.11). Essa Lei, que se apresenta como Estatuto, observa ainda que determinada deficiência deve ser observada a partir de obstáculos que dificultem a participação efetiva na sociedade.

Para falar em adequar as crianças e jovens ao contexto escolar é necessário lembrar em primeiro lugar do acesso deles à própria escola, algo que tange a acessibilidade. A mesma Lei citada anteriormente, também chamada de Estatuto da

Pessoa com Deficiência, define a acessibilidade como:

possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015, art 3º).

Já as barreiras físicas são elementos naturais ou edificados que dificultam ou impedem ações desejadas de maneira livre. Pode ser uma árvore numa calçada que impede que uma cadeira de rodas passe sem esforço. Outro exemplo são ruídos que dificultem a comunicação de surdos ou deficientes visuais (DISCHINGER, 2009). Na escola também podem se apresentar vários obstáculos. A lei de Inclusão da Pessoa com Deficiência engloba também as atitudes e comportamentos à definição de barreira. Vila Nova (2014, p. 10) acrescenta que “as barreiras arquitetônicas representam a maior dificuldade de acesso da PPD ao mercado de trabalho, locais públicos, escolas e a todos os locais procurados no cotidiano”. Vê-se que as barreiras são um dos primeiros pontos a se superar na inclusão do aluno PcD.

Outro ponto diz respeito às tecnologias assistivas (TAs) e o atendimento educacional especializado (AEE), que são importantes para oferecer apoio e experiências de qualidade ao aluno com deficiência. O AEE é “compreendido como o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente” (BRASIL, 2011). Já a TA no ambiente escolar:

(...) refere-se a toda modificação ou adaptação feita no ambiente, nos materiais e na forma de realizar as atividades, visando compensar as limitações motoras, cognitivas, sensoriais e perceptuais do aluno com deficiência, proporcionando-lhe condições de participação efetiva no contexto escolar (SÃO PAULO, 2012, p. 33).

A TA visa a resolver ou mitigar as dificuldades que impedem a atuação do aluno no contexto escolar fazendo com que ele faça o que precisa e quer fazer. Isso se dar muitas vezes por meio de alternativas e criatividade que o inclua à rotina comum da escola.

2.2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA PRÁTICA

Apesar de vários avanços, na prática, a educação inclusiva ainda é feita nos moldes integradores e ainda não atende suficientemente aos critérios para ser

verdadeiramente inclusiva.

É fundamental apontar que a passagem de um período para o outro só ocorreu em termos de tendência. Ainda hoje há marginalização, assistencialismo e práticas integradoras concomitantes à implantação do modelo inclusivo. A segregação esteve presente desde os primórdios e perdura no século XXI dentro e fora da escola (OLIVA, 2016, p. 493).

Subentende-se que há um processo acontecendo e que está longe de acabar. Esse processo começa várias vezes em cada escola em que se pretende viver a inclusão, porém muitas vezes não atinge um nível satisfatório.

O século XXI trouxe em sua bagagem fatores como avanços tecnológicos e direitos conquistados, que preenchem diversas lacunas importantes para o bem-estar do homem, mas ao mesmo tempo, as desigualdades sociais, o progresso desenfreado, as cobranças acerca da produtividade e a competitividade ameaçam a todo tempo tudo o que foi conquistado. Nos dias atuais, ainda se luta para que a educação especial seja reconhecida como parte integrante de uma educação para todos. Nesse contexto, não cabem preconceitos, protelações ou isenções de responsabilidade (JANUZZI, G, 2004, p. 256).

Ainda segundo Oliva (2016), um exemplo seria a falta de recursos que permitiriam a produção de experiências em que os alunos com deficiência superassem barreiras como o isolamento dos colegas. Assim, há recursos disponíveis para os deficientes, mas esse uso também está condicionado à fatores como a necessidade do aluno e a adequação dele ao uso. Além disso, o mesmo autor, conceitos já citados como da acessibilidade, no dia a dia, vão além de um conceito pronto, pois inclui um conjunto de ações por parte inclusive da atuação professor em sala é significativo.

Cabe a ele incentivar e determinar que os alunos estudem, trabalhem, pois sem esforço não há aprendizagem. Assim, o professor não ensina, apenas, deve orientar a aprendizagem que é de responsabilidade do aluno. Para isso, deve estar sempre empenhado, procurar novas abordagens visando atingir o maior número de alunos, o que requer domínio da linguagem e capacidade de se relacionar bem, mesmo sem deixar de ser exigente e justo (CASTEJON; ROSA, 2017, p. 72).

Conscientizar a missão da escola para quem dela participa e é responsável é essencial para que os sujeitos ativos se mobilizem em prol de suprir as constantes necessidades dela:

(...) os sistemas de ensino devem promover as condições de acessibilidade aos alunos, eliminando as barreiras arquitetônicas (urbanísticas, de edificações), atitudinais (preconceito, discriminação) e pedagógicas (de comunicação e informação, de acesso aos conteúdos) (SÃO PAULO, 2012, p.18).

Portanto, não basta simplesmente deixar de fazer algo negativo ou neutro como usar de práticas discriminatórias ou simplesmente integrar sem oportunizar ao aluno um verdadeiro relacionamento, mas, principalmente, fazer algo positivo que possibilite uma participação ativa com o meio e isso depende “essencialmente das oportunidades de experiências, de aprendizagem, e principalmente da modificação do meio e das estratégias para que possam ter êxito na escola e comunidade” (GÓDOI, 2006). É nessa perspectiva que a escola se torna uma esperança concreta para a inclusão.

Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (BRASIL, 1994, p. 1).

O desenvolvimento de alguém com alterações no processo de aprendizagem engloba, mas também transcende, o cumprimento das normas para o tratamento com a educação inclusiva, pois envolve a socialização e a participação social envolvendo todos os que têm, direta ou indiretamente, contato e responsabilidade pelo o que é vivido no cotidiano escolar do aluno PcD.

Torna-se fundamental a elaboração, por toda comunidade escolar, de um projeto pedagógico de inclusão contando com a participação efetiva dos pais, profissionais ou instituições especializadas que realizam o atendimento complementar, tendo em vista a avaliação das necessidades educacionais específicas desses educandos para as adaptações e complementações curriculares que se fizerem necessárias (GÓDOI, 2006, p.9).

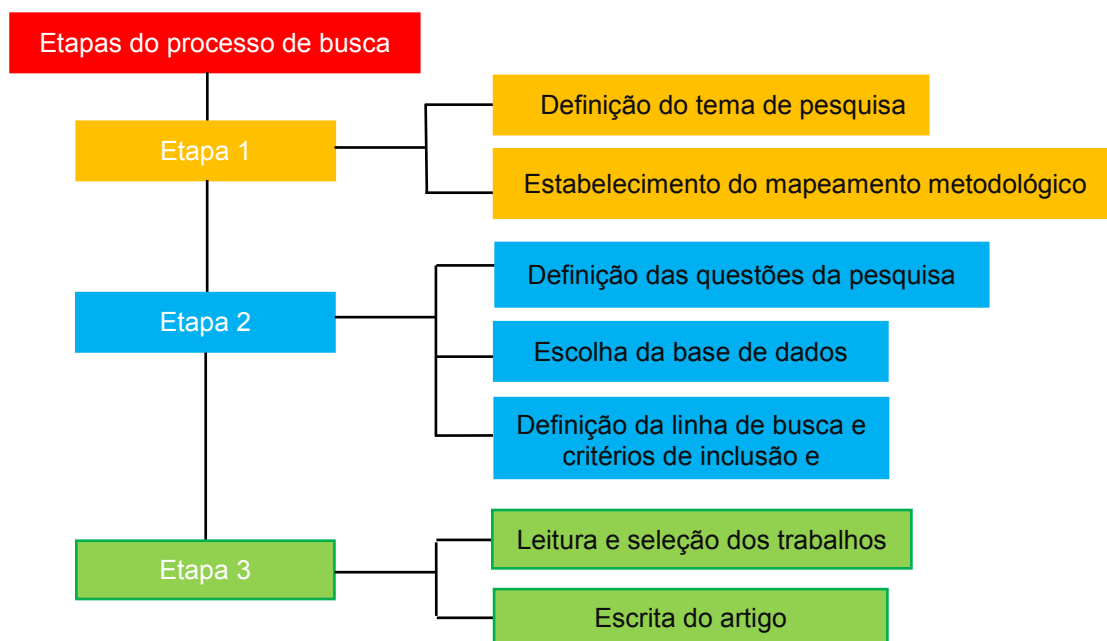
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa deu-se por meio de outros trabalhos, revisões de artigos e documentos públicos que deram subsídios para expor, provar ou não, as hipóteses levantadas nela. Além de uma ratificação e atualização das concepções levantadas por meio dos trabalhos já existentes: “A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas” (SOUSA, 2021).

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As etapas da pesquisa foram organizadas de acordo com o modo como o aluno com deficiência se depara com a escola. Dessa forma foi esquematizada uma forma de construir um olhar sobre o que é e o que deveria ser.

Figura 1: Etapas do processo de busca.



Fonte: Adaptado de Konflanz, Ferreira e Ferreira (2021).

No primeiro momento, identificou-se quais seriam os primeiros empecilhos que estariam ligados à integração como acesso do aluno à escola, ou seja, o trajeto dele até às dependências escolares: investigar o transporte escolar, a acessibilidade, presença de barreiras, que acontece tanto na zona urbana como na zona rural, e entender quais seriam os possíveis obstáculos que um aluno deficiente tem no seu percurso até a escola e na sua recepção.

A partir de conceitos como esses, pôde-se compreender melhor um ambiente mais adequado e compará-lo com a realidade em que se encontra o aluno PcD para melhor analisá-lo e atuar na sua transformação. Assim, além do acesso à escola, das considerações feitas à infraestrutura da escola, os recursos adequados ao público com deficiências, chama-se a atenção à comunidade escolar e, em especial, ao professor.

O professor deve ainda garantir o contato da criança com objetos que favoreçam a inserção da mesma no convívio social, por meio das várias linguagens. Portanto, o professor deve realizar seu trabalho de maneira a oferecer à criança, crescimento, reflexão, tomada de decisão enquanto cidadãos capazes de “administrar” sua vida, indo além da simples mediação

dos conteúdos (DUARTE, BATISTA, p. 302).

Também pretende-se abordar investigar trabalhos que abordem o papel dos docentes e da equipe pedagógica, com experiências e nível de familiaridade com os recursos métodos eles têm para receber alunos com deficiência e o que há disponível nas escolas como a oferta de TA e salas de AEE. Assim, avaliar fazendo uma correspondência presente na bibliografia: os materiais e recursos disponíveis, e se a frequência em que cada professor usa os materiais é suficiente para, e se possível, avaliar genericamente o nível de conhecimento dos professores e se eles têm o desejo e se sentem que precisam de mais formação para lidar com esses alunos e os materiais.

Tabela 1: Critérios estabelecidos para a análise dos trabalhos obtidos na base pesquisada

Critérios analisados	Trabalhos incluídos	Trabalhos excluídos
Ano de publicação	Trabalhos publicados entre outubro de 2003 e setembro de 2023	Trabalhos publicados antes ou depois do período selecionado
Acesso	Livre para <i>download</i>	Publicações com acesso pago
Tipo de publicação	Artigos, documentos oficiais, monografias, dissertações, teses e trabalhos publicados em anais de eventos	Demais tipos de trabalhos: resumo simples, resumo estendido e Trabalhos de revisão de literatura
Termos de busca	Pesquisas que contenham os termos de busca no título	Pesquisas que não discutam os assuntos abordados ou estejam em língua estrangeira
Disciplinas	Publicações envolvendo a educação inclusiva	Pesquisas que não incluam a educação inclusiva ou adaptam ela à uma única disciplina exclusiva
Nível educacional	Publicações com aplicação na educação básica	Publicações com aplicação exclusiva no ensino superior.
Assunto	Trabalhos que abordem o estudo da Educação inclusiva na escola	Trabalhos que não abordem o estudo da Educação inclusiva no contexto escolar

Fonte: Adaptado de Konflanz, Ferreira e Ferreira (2021).

Foram incluídos trabalhos que discutissem o tema da educação inclusiva e especial ligando-o à rotina escolar. Foram excluídos os trabalhos que relacionassem a educação especial e inclusiva à pandemia e estratégias de ensino à distância. Também foram excluídos estudos que embora fossem relacionados à educação de alunos deficientes, mas que objetivavam um público específico como deficientes visuais ou surdos, ou ainda disciplinas específicas como aplicações somente para

aulas de matemática ou língua portuguesa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As palavras-chave que estão ligadas a cada questão abordada deste trabalho e que foram consideradas nas buscas foram, por exemplo: “transporte”, “barreiras”, “acessibilidade”, “tecnologias assistivas” etc, ligando-as à inclusão e à escola assim foram selecionados os trabalhos que pudessem descrever a realidade brasileira. A principal plataforma utilizada na pesquisa foi a Scientific Electronic Library Online (SciELO). Um dos principais termos pesquisados na plataforma SciELO foi “inclusão escolar”, e dos primeiros 75 artigos apenas seis dos nove que foram selecionados no quadro a seguir de acordo com o título.

Quadro 1. Informações sobre as obras selecionadas de acordo com o objetivo da pesquisa

Título do trabalho	Autor/ano de publicação	Metodologia/contribuição da pesquisa
Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações.	BRIANT, M. E. P.; OLIVER, F. C. 2012.	Mostrou que a oferta de formação continuada dos professores ainda é baixa.
A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PONTOS E CONTRAPONTO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.	BROSTOLIN, M. R.; SOUZA, T. M. F. de. 2023.	Entrevistas mostram que os vários professores não entendem a inclusão como processo coletivo que envolve as condições de trabalho, à infraestrutura da escola e a formação não os deixa seguros para dar sustentação às suas práticas pedagógicas.
Acessibilidade como Condição de Acesso, Participação, Desenvolvimento e Aprendizagem de Alunos com Deficiência.	KRAEMER, G. M.; THOMA, A. da S. 2018.	Discute a acessibilidade como importante incentivo à educação inclusiva e os investimentos feitos pelo Governo nos últimos anos.
Habilidades Sociais de Pais, Professores e Alunos com Deficiência Intelectual em Inclusão Escolar. Revista Brasileira de Educação Especial [online].	SILVA, Eliza França e e ELIAS, Luciana Carla dos Santos. 2020	Demonstra a importância da promoção de habilidades sociais para responsáveis, professores e alunos para favorecimento do desenvolvimento, socialização e da inclusão de alunos com deficiência intelectual.
Inclusão escolar e atuação dos Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas no Instituto Federal de São Paulo.	VILARONGA, C. A. R.; SILVA, M. O. DA.; FRANCO, A. B. M.; RIOS, G. A. 2021.	Lembra que, embora a expectativa seja de melhora, a formação de professores ainda é insuficiente, que falta profissionais especializados e investimentos para a adaptações

		dos espaços escolares. Os autores mostram o papel dos Institutos federais nesse contexto.
INCLUSÃO ESCOLAR: EFEITOS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NOS PLANOS MUNICIPAIS.	RIGO, N. M.; OLIVEIRA, M. M. de. 2021.	Investiga a efetivação das estratégias adotadas pelos municípios, por meio dos PME, para a da inclusão escolar, e destaca que a sala regular e o AEE estão sendo tratados de maneira separada (sem articulação) entre si, e que isso está ligado à formação dos professores.
INCLUSÃO ESCOLAR E INFRAESTRUTURA FÍSICA DE ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL.	SANTOS, C. E. M. DOS .; CAPELLINI, V. L. M. F. 2021.	A pesquisa descreve qualitativamente as condições da infraestrutura física de determinadas escolas. Propõe que há necessidade de melhoria da estrutura e dos recursos adaptados e que as escolas em geral atendem apenas em parte inclusão.
Atendimento Educacional Especializado nos Institutos Federais: Reflexões sobre a Atuação do Professor de Educação Especial.	ZERBATO, Ana Paula, VILARONGA, Carla Ariela Rios e SANTOS, Jéssica Rodrigues.	Analisa a atuação do professor de Educação Especial no contexto educacional dos Institutos Federais com uma abordagem qualitativa. Apontou que o AEE não é uma realidade de todos os campi e que há a necessidade de um educador especial.
Emoções docentes em relação ao processo de inclusão escolar.	FARIA, P. M. F. DE .; CAMARGO, D. DE .(2021).	Mostra que os aspectos cognitivos são valorizados em detrimento dos aspectos emocionais e que os docentes sentem emoções negativas em relação à realidade da educação especial. O autor aponta que uma das causas é inclusive a falta de formação e valorização dos professores.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Logo após, identificar e apresentar dados e informações sobre as TAs e AEE, suas presenças nas escolas, qualidade de acesso e disponibilidade nas escolas, comparando e descrevendo qual o nível de avanço que demonstram na utilização desses recursos.

Segundo os trabalhos selecionados, a implementação de políticas de inclusão cresceu consideravelmente nas últimas três décadas. Cresceram os meios que são usados para o desenvolvimento e a aprendizagem das pessoas com deficiência na escola regular, Sala de Recursos Multifuncionais (SRMs), acessibilidade e transporte

escolar acessível.

É relevante para os professores que, diante dos alunos em questão, entendam como funciona o processo de avaliação dos alunos PcDs, uma vez que o processo contínuo, a reflexão e as atitudes favorecem novas e eficazes metodologias: linguagem adequada, métodos e recursos na hora de abordar os assuntos. Os professores, em geral, trabalham de acordo com os recursos que cada escola pode oferecer a ele e para os alunos, mas podem por conta própria buscar alternativas. Instrumentos adequados ao processo de ensino-aprendizagem podem ser um diferencial. Entretanto, há professores que desconhecem recursos já existentes que facilitariam a prática pedagógica dos estudantes e que poderiam até mesmo ser confeccionados por eles. O professor é uma das peças-chave na inclusão dos alunos.

Outro ponto observado pelos trabalhos é a oferta de formação continuada dos professores que ainda é insuficiente e, embora a oferta de formações e cursos tenha aumentado devido a demanda, a qualidade deles também deixa a desejar, pois ainda seriam muito informativos e poucos práticos. O autor destaca também que embora a comunidade escolar busque alternativas, os professores veem essa realidade, na prática, ainda como novidade.

Os trabalhos foram unânimes em expor que as matrículas dos alunos com deficiência nas salas regulares aumentaram nos últimos anos o que desencadeou um processo de reflexão e adequações espaciais. Um dos primeiros pontos que se apresentam são relacionados ao transporte escolar. Iniciativas mais importantes apareceram a partir da década de 90. Percebendo-se que a falta de transporte acessível dificultava o acesso dos alunos PcDs, passou-se a se criar cada vez mais políticas para a aquisição de transportes escolares adequados aos alunos com dificuldade de locomoção para serem distribuídos nos municípios

Este tem um papel ímpar, pois estará à frente de conduzir o seu aluno a alcançar seu promover suas potencialidades por meio das práticas e recursos disponíveis. Os professores entendem o processo de inclusão como complexo e ainda não participam efetivamente das práticas que poderiam promover o desenvolvimento do aluno com deficiência. Percebe-se que é necessário um esforço a mais do professor e este nem sempre está sendo apoiado, disponível ou disposto a fazê-lo. Além disso, deve ele deve entender que o professor de apoio, ou o profissional de AEE não pode se encarregar totalmente do aluno PcD, que na verdade, é da sua responsabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados objetivaram expor uma interpretação dos dados pesquisados. Ficou evidente que é fundamental o planejamento do professor junto da equipe multidisciplinar, sendo necessário que ele esteja ciente das deficiências dos seus alunos, pois isso pode ser determinante nas metodologias empregadas em sala de aula bem como o cuidado com o espaço interno da escola para que os envolvidos nela possam refletir e buscar melhorar suas práticas. Assim, o próprio espaço tornar-se-á cada vez mais acessível ao público alvo da inclusão, além de um verdadeiro planejamento sobre os projetos de acessibilidade que envolvem os alunos com deficiência física nas escolas.

As escolas recém construídas têm mais disponibilidade às adaptações específicas. As políticas voltadas à educação abriram novas portas inclusive à educação inclusiva concretizando cada vez mais o desenvolvimento e a participação dos alunos na rede regular educacional. Entretanto, o acesso à entrada das escolas ainda deixa muito a desejar com falta de sinalização e piso tátil, por exemplo.

A identificação do nível de formação dos professores para educação especial é muito importante, por isso quanto mais trabalhos forem desenvolvidos neste sentido melhor pode-se conscientizar os agentes responsáveis por essa capacitação. Portanto, não se trata de mudar completamente, a maneira de trabalhar do professor, mas de adaptá-lo à essa realidade de acordo com as novas perspectivas da educação especial, caracterizando assim uma reflexão sobre a formação continuada deles.

Foi notável a necessidade que os professores têm de um maior contato sobre o ensino de acordo com o que foi proposto nas diretrizes educacionais, mas que muitas vezes não é bem disseminado nas formações dos professores ou que não acontece na prática devido a outros fatores. Entende-se também que essa área demanda um maior volume de trabalhos publicados para a maior conscientização dos diversos agentes do ambiente escolar. A formação continuada mostra-se um dos melhores caminhos para um sistema mais inclusivo. Assim derruba-se barreiras como da segregação entre sala regular e o AEE.

REFERÊNCIAS

- ANACHE, A.; RESENDE, D. A. R.. **Caracterização da avaliação da aprendizagem nas salas de recursos multifuncionais para alunos com deficiência intelectual**. Revista Brasileira De Educação, 2016. 21(66), 569–591. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782016216630.pdf>. Acesso em 12 maio 2023.
- BERSCH, Rita. **Tecnologia Assistiva e Educação Inclusiva**. Ensaios pedagógicos. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. 146 p. III Seminário Nacional de Formação de Gestores e Educadores – Educação Inclusiva : direito à diversidade.
- BRASIL. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília: 2015. CAPÍTULO III. Seção I. Art. 2º. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 30 abr. 2023.
- BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. CAPÍTULO III, DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO, Seção I, DA EDUCAÇÃO, Art. 205. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 12 out. 2023.
- BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Seção 1.
- BRIANT, M. E. P.; OLIVER, F. C.. (2012). **Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações**. Revista Brasileira De Educação Especial, 18(1), 141–154. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000100010>. Acesso em: 23 de set. 2023.
- BROSTOLIN, Marta Regina; SOUZA, Tania Maria Filiu de. **A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PONTOS E CONTRAPONTO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**. Cadernos CEDES [online]. 2023, v. 43, n. 119, pp. 52-62. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC256578.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.
- CASTEJON M.; ROSA R. (Org). **Olhares sobre o ensino da matemática: educação Básica**. Uberaba – MG: IFTM, 2017.
- DISCHINGER, M.; BINS. **Manual de acessibilidade espacial para escolas : o direito à escola acessível / Marta Dischinger; Vera Helena Moro Bins Ely; Monna Michelle Faleiros da Cunha Borges**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2009.
- DUARTE, B.; BATISTA, C. **DESENVOLVIMENTO INFANTIL: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil**. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-de-uberaba/artigos-cientificos/desenvolvimento-infantil/46690201.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2023.

ESPANHA. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA:** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Espanha-Salamanca, 1994.

FARIA, P. M. F. de; CAMARGO, D. de .(2021). **Emoções docentes em relação ao processo de inclusão escolar.** Educar Em Revista, 37, e64536. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.64536>. Acesso em: 08 de out.

GODÓI, A. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão** : dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. [4. ed.] – Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD... [et. al.]. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

IBGE. **Desemprego e informalidade são maiores entre as pessoas com deficiência.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34977-desemprego-e-informalidade-sao-maiores-entre-as-pessoas-com-deficiencia.pdf>. Acesso em 09 maio 2023.

KONFLANZ, G. Muller; FERREIRA, V. Lúcia Duarte; FERREIRA, C. Corrêa **Aplicação de análise textual em publicações relacionadas ao ensino de matemática em ambientes virtuais de aprendizagem:** Um mapeamento sistemático. Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 173–182, 2021. DOI: 10.22456/1679-1916.121203. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/121203.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

KRAEMER, G. M.; THOMA, A. da S. 2018. **Acessibilidade como Condição de Acesso, Participação, Desenvolvimento e Aprendizagem de Alunos com Deficiência.** Psicologia: Ciência E Profissão, 38(3), 554–563. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000062018.pdf>. Acesso em: 23 set. 2023.

LIGA VENTURES. **LIGA INSIGHTS EdTechs.** Junho, 2019.

MENDES, R. M., Miskulin, R. G. S.. (2017). **A análise de conteúdo como uma metodologia.** Cadernos De Pesquisa, 47(165), 1044–1066. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143988.pdf>. Acesso em 19 maio 2023

OLIVA, Diana Villac. (2016). **Barreiras e recursos à aprendizagem e à participação de alunos em situação de inclusão.** Psicologia USP, 27(3), 492–502. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140099.pdf>. Acesso em 29 abr. 2023.

RIBEIRO, A. C., TENTES, V. T. A.. (2016). **O Caminho da Escola para os Estudantes com Deficiência: o Transporte Escolar Acessível no Plano Viver sem Limite**¹. Revista Brasileira De Educação Especial, 22(1), 27–38. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000100003.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

RIGO, Neusete Machado; OLIVEIRA, Morgana Maciel de. **INCLUSÃO ESCOLAR: EFEITOS DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO NOS PLANOS MUNICIPAIS.**

Cadernos de Pesquisa [online]. 2021, v. 51. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147304.pdf>. Acesso em 11 out 2023.

SANTOS, Camila Elidia Messias dos; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. **INCLUSÃO ESCOLAR E INFRAESTRUTURA FÍSICA DE ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL**. Cadernos de Pesquisa [online]. 2021, v. 51. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147167.pdf>. Acesso em: 11 out. de 2023.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE. **Entendendo a deficiência física**. Secretaria da Educação. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE. – São Paulo : SE, 2012.

SEABRA JUNIOR, M. O.; LACERDA, L. C. Z. D.. **Atendimento Educacional Especializado: planejamento e uso do recurso pedagógico**. Revista Brasileira De Educação, 23, e230016. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230016>. Acesso em: 12 maio 2023.

SILVA, Eliza França e; ELIAS, Luciana Carla dos Santos. **Habilidades Sociais de Pais, Professores e Alunos com Deficiência Intelectual em Inclusão Escolar**. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2020, v. 26, n. 4, pp. 605-622. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0142>. Acesso em: 9 out. 2023.

SIQUEIRA NETO, D. J. de. **O papel dos professores de pedagogia e de matemática no decorrer do ensino fundamental I e II em Cocal-PI**. Cocal, PI: IFPI, 2021.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L H. **A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

VILA NOVA, Flávio. **Cartilha de acessibilidade urbana: um caminho para todos /** - 2. ed. - Recife: Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco, 2014. 53p.

VILARONGA, Carla Ariela Rios et al. **Inclusão escolar e atuação dos Núcleos de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas no Instituto Federal de São Paulo**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos [online]. 2021, v. 102, n. 260, pp. 283-307. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4585>. Acesso em: 11 out. 2023.

ZANFELICI, Tatiane Oliveira. JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2004. Editora UFPR. Educar, Curitiba, n. 32, p. 253-256, 2008.

ZERBATO, Ana Paula; VILARONGA, Carla Ariela Rios; SANTOS; Jéssica Rodrigues. **Atendimento Educacional Especializado nos Institutos Federais: Reflexões sobre a Atuação do Professor de Educação Especial**. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2021, v. 27, e0196. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0196>. Acesso em: 11 out. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, à minha mãe que sempre esteve comigo, à são José, modelo de pai e homem, que neste ano me aproximei mais como devoto e ao meu tutor Norton González que foi um verdadeiro diferencial para nossos encontros presenciais.